

Campinas apura venda

QUINTA-FEIRA, 1 DE MARÇO DE 1990

de seringas usadas

Segundo a polícia, o material é recolhido do lixo de hospitais e repassado a viciados

RONALDO FARIA

CAMPINAS — A polícia de Campinas está investigando a venda clandestina na cidade de seringas hipodérmicas descartáveis já utilizadas. As seringas estariam sendo recolhidas nos lixões internos dos hospitais-escola da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) e vendidas nas ruas durante o Carnaval a NCz\$ 50,00 o lote de dez, enquanto numa farmácia local a unidade é comercializada a NCz\$ 25,00, segundo apurou a polícia.

As investigações tiveram início a partir de uma denúncia anônima que chegou a jornais da cidade na segunda-feira. A polícia recebeu informações de que as seringas seriam apanhadas aos domingos por catadores

de lixo e vendidas a viciados por dois atrativos: o preço baixo e a propaganda de que o material é lavado e fervido.

Nos hospitais-escola da cidade, o lixo hospitalar é armazenado a céu aberto e acondicionado em caixas de papelão e sacos plásticos. As seringas, assim como frascos utilizados, embalagens e resíduos de alimentos, entre outros materiais, são jogados diariamente nos lixões internos dos dois principais hospitais e ficam à espera de um caminhão especial que deve recolhê-los. Normalmente, o lixo seria totalmente incinerado pelos próprios hospitais, mas a grande quantidade de material a ser queimado tornou o sistema inviável. “Hoje, só a Unicamp produz a cada dia cerca de três toneladas de detritos hospitalares”, afirmou o coordenador de administração do Hospital das Clínicas da Unicamp, Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva. “Antes queimávamos tudo aqui mesmo, mas o nosso incinerador foi projetado para até 2,5 toneladas”, explicou.

Além de não dar conta da quantidade de lixo produzida pelo hospital, o incinerador da Unicamp — que trabalhava cerca de 12 horas seguidas para queimar todo o lixo — estava causando problema pelo excesso de fuligem que expelia. “De 8% de material plástico que incinerávamos, passamos a queimar até 30%, o que provocava muita poluição”, diz Rodrigues Silva. “Para sanar esse problema, fizemos um convênio entre as universidades, a prefeitura e uma firma especializada. O excesso de lixo é transportado agora para São Paulo através de caminhões especiais e destruído na Capital”, frisa o coordenador do Hospital. O risco desse processo está no tempo que o material fica exposto, principalmente aos domingos, quando não há coleta. “As seringas roubadas, provavelmente por catadores, representam um risco de disseminação de várias doenças, principalmente a Aids”, lembrou. Segundo Rodrigues da Silva, porém, ninguém entra na área delimitada para os despejos de detritos da Unicamp sem autorização do hospital.